

Maçons, espíritas e católicos nos embates religiosos da Primeira República no Ceará

Marcos José Diniz Silva¹

RESUMO

Entre as décadas de 1910 e 1930 confrontam-se, no espaço público cearense, diversos agentes adeptos da Maçonaria e do Espiritismo, com representantes da Igreja Católica. Estava em jogo, para os primeiros, a defesa da liberdade religiosa e dos fundamentos laicos do Estado brasileiro (Constituição de 1891), como condições para a difusão de outras perspectivas religiosas, como o Espiritismo e a religiosidade esotérico-cristã da Maçonaria, ambos de caráter moderno-espiritualista, imprimindo nova orientação moral-religiosa no enfrentamento da “questão social”; os últimos, em recomposição institucional após secularização republicana, defendiam seu predomínio no campo religioso e na mentalidade cearense, através do jornal O Nordeste, vinculando as novas concepções religiosas aos erros do modernismo, do liberalismo e do positivismo.

PALAVRAS-CHAVE Espiritismo, maçonaria, catolicismo

ABSTRACT

Between the 1910s and 1930s are faced in the public space Ceará, players fans and the Spirit of Freemasonry, with representatives of the Catholic Church. Was at stake for the first, the defense of religious freedom and secular foundations of the Brazilian state (Constitution of 1891), as conditions for the spread of other religious perspectives, as the spirit and the Christian religion esoteric Freemasonry, both in character modern-spiritualist, printing new moral-religious orientation in combating the "social question"; the latest, in rebuilding institutional secularization after Republican, defended his dominance in the religious field and the mentality cearense, by newspaper The Northeast, linking the new religious conceptions the errors of modernism, of liberalism andpositivism.

KEYWORDS Spiritualism, Freemasonry, Catholicism

Investigar a atuação maçônica e espírita e seus ideários no amplo contexto das lutas religiosas e sociais com os representantes da Igreja Católica, no Ceará da Primeira República, implica inseri-los no âmbito dos confrontos globais entre modernistas e tradicionalistas. Assim, para Le Goff (1992:180-181) existiu, na Europa dos primeiros anos do século XX, o “modernismo religioso”. O movimento centrava-se em dois problemas: o dogmatismo e a evolução social e política. Ou seja, a crise advinha “do atraso da ciência eclesiástica em relação à cultura e às descobertas científicas [...]”. E são exatamente essas manifestações científicistas nas esferas do saber e da fé, com repercussões na esfera do poder, que constituem o centro de nossa problemática, uma vez que no bojo desse modernismo se apresentarão dois movimentos de natureza filosófico-moral, marcados por concepções racionalistas e científicistas do mundo. Domingues (2002:35), por sua vez, observa que “A

¹ Professor Adjunto de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e bolsista FUNCAP.

modernidade emergiu tendo no coração de seu imaginário a emancipação da humanidade da necessidade e dos grilhões da superstição e da dominação”.

Assim, de um lado, a religião tradicional imersa nos domínios da crescente secularização - entendida como perda de poder e de validade das visões tradicionais de mundo, abaladas em sua substância pelos novos critérios da racionalidade instrumental - debate-se diante da progressiva racionalização das visões de mundo; de outro lado, abstendo-se de uma crítica estrutural e de uma prática sócio-política contrária ao capitalismo, maçons e espíritas desenvolvem um humanitarismo-racionalista, configurado em atitudes filantrópicas, beneficentes e caritativas, conciliando espiritualismo e reformismo na solução da “questão social”, fundamentam o advento de uma utopia da justiça social resultante do progressivo desenvolvimento tecnológico e científico. Nesse caso, representavam a possibilidade de uma nova utopia ou regeneração espiritual, oposta à escatologia do tradicionalismo católico.

Miranda (1987), tratando dos discursos e práticas católicos construídos a partir do jornal *O Nordeste*, fundado em 1922, destaca o projeto de recatolização da nação, na disputa com o “poder temporal laicizado” e à concorrência com o marxismo (comunismo). Montenegro (1992), estudando o tradicionalismo católico cearense e suas conexões com a sociedade e o Estado, apresenta a Maçonaria como mais um elemento do quadro dos “modernismos”. Contudo, para além espaço de ressonância das correntes liberais, racionalistas e positivistas, nos meios maçônicos cultivava-se uma tradição espiritualista não considerada nos estudos dos embates Igreja Católica/Maçonaria e religiosos de então.

A acepção “espiritualista” indica gama abrangente de denominações religiosas ou filosóficas que se apresentam como partidárias de uma dimensão espiritual na vida, portanto, opostas ao materialismo. Dito de outra forma, aproximando-se pelo alto (teor sagrado/religioso), tanto católicos, quanto maçons e espíritas compuseram uma ampla vertente espiritualista, embora vivendo contradições doutrinárias e conflitos no plano das relações sociais.

Sabendo-se, pois, que na Primeira República, a Maçonaria e o Espiritismo constituíram os maiores opositores ao dogmatismo religioso e por isso mesmo atacados pela Igreja Católica, como seus maiores “inimigos”, às vezes anticlericais (mas não necessariamente ateus); constata-se que essa oposição católica, não contemplada pela historiografia cearense, dava conta da concorrência moderno-espiritualista no campo religioso, assentada em bases racionalistas e cientificistas e fortemente inserida nas classes altas, imprensa e meios intelectuais locais, desde o início do século XX. (Cf. SILVA, 2008)

A presença maçônica nos movimentos sociais no Ceará, ganha destaque através de sua inserção na organização dos trabalhadores através da Sociedade Artística Beneficente (1902) e Centro Artístico Cearense (1904), seguindo-se diversas outras, inclusive no interior do estado. Essa atuação correspondia ao “novo apostolado” da Maçonaria brasileira, a “questão social”, nos primeiros anos do século XX, em continuidade à sua participação na campanha abolicionista. (Cf. BARATA, 1999; SILVA, 2007). A postura liberal da Maçonaria teria sido vitoriosa sobre as primeiras articulações dos anarquistas, no Centro Artístico, tornado-se hegemônica na organização dos trabalhadores cearenses até o início da década de 1920, quando se fortalece o movimento dos Círculos Operários, sob orientação da Igreja Católica, iniciado em 1915. (Cf. PARENTE, 1986)

A Maçonaria brasileira esteve unificada sob a denominação de Grande Oriente do Brasil (GOB) desde 1883. Atuavam no Ceará as lojas maçônicas “Fraternidade Cearense”, fundada em 1859, “Igualdade” (1882), “Liberdade IV” (1901), “Porangaba” (1905), “Amor e Caridade III” (1905), dentre outras. Em 1927 ocorre a do Grande Oriente do Brasil, passando a organizar-se em cada estado da federação as Grandes Lojas Simbólicas, vinculadas à Confederação da Maçonaria Simbólica, gozando de autonomia e soberania dentro ou fora do país (Cf. LINHARES, 1997). Essa reorganização da Maçonaria brasileira dará nova dinâmica, em termos estaduais, para a atuação dos pedreiros-livres. A Grande Loja do Ceará fundada em 19 de março de 1928, resultante da coligação de três Lojas: “Deus e Camocim” (1921), “Porangaba” (1905) e “Fortaleza” (1928).

Quanto ao Espiritismo, suas afinidades eletivas com a Maçonaria decorrem de duas condições. Em primeiro lugar pelo fato de o Espiritismo, ao chegar ao Brasil, na segunda metade do século XIX, ter encontrado severa oposição do catolicismo. Lembra Machado (1997:113) que na agitação intelectual da Corte, grandes nomes da política nacional que eram maçons, também aderiram ao Espiritismo, tais como Quintino Bocaiúva, Saldanha Marinho, Bittencourt Sampaio. Segundo, pela proposta racional da crença espírita, seu evolucionismo, suas bases positivistas e oposição fundamental ao materialismo.

É parte integrante do corpo doutrinário do Espiritismo, uma visão evolucionista da sociedade de tal modo que sua obra fundamental, *O Livro dos Espíritos*, lançada em Paris, em 1857, contempla os direitos trabalhistas, a condenação à escravidão, direitos iguais para as mulheres, dentre outras bandeiras comuns aos liberais, socialistas e ao pensamento moderno em geral. Na mesma linha social, percebe-se a configuração de um “socialismo espírita”, à medida que “apóstolos” do Espiritismo, como o escritor Léon Denis (1846-1927) – também

maçom (Cf. MONTEIRO, 2003) - acreditavam nas possibilidades de um socialismo espiritualizado, como podemos constatar em *Socialismo e Espiritismo*:

Segundo meus artigos precedentes, eu me coloquei entre os socialistas. Mas tive o cuidado de dizer que não aceito o socialismo sem a doutrina espiritualista que o tempera, o dulcifica, tira-lhe todo o caráter de áspera violência. Reprovo o socialismo materialista que só semeia o ódio entre os homens e, por conseguinte, permanece infecundo e destrutivo, como se pode ver na Rússia. Sou evolucionista e não revolucionário (DENIS, 1987:126).

Esses elementos doutrinários do Espiritismo encontram ressonância na Maçonaria que, por sua vez, impõe como primeira condição aos seus adeptos a crença em Deus (Grande Arquiteto do Universo). Assim, o materialismo era, para ambos, sua própria negação.

No Ceará, já em 1853 o jornal *O Cearense* noticiava “experiências” com “mesas girantes”, na casa do comerciante José Smith de Vasconcelos (Barão de Vasconcelos). Difundiu-se o Espiritismo também na Escola Militar do Ceará, na década de 1890, favorecido pela maré positivista. E nos anos de 1897, 1901 e 1902, surgiram os primeiros grupos espíritas, em Fortaleza o primeiro e os dois últimos em Maranguape.

Contudo, foi a partir de 1910, com a chegada a Fortaleza do militar maçom-espírita, o cearense Manuel Vianna de Carvalho, que se fazia uma divulgação intensa do espiritismo em conferências públicas, nas lojas maçônicas “Igualdade” e “Liberdade” e na imprensa, convocando para o debate “socialistas, maçons, livres pensadores, adeptos em geral das idéias modernas”. Fundou os jornais espíritas *O Combate* (1910), *O Lábaro* (1911), e o Centro Espírita Cearense (1910), congregando em sua diretoria importantes nomes da vida social e política da capital. A partir de então proliferaram os grupos espíritas até a década de 1930, quando é fundada a Federação Espírita Cearense.

Podemos destacar a atuação espírita de Vianna de Carvalho em conferências nas lojas maçônicas e salões das associações de classe e suas polêmicas com o clero local nas páginas da imprensa, como no jornal *A República*, em 17 de janeiro de 1911:

No montão de inverdades atiradas contra o Espiritismo escolho um ou outro ponto apropriado ao esclarecimento das inteligências obumbradas ao peso das imposições tiranas do romanismo que considero nefasto à marcha do progresso humano [...] analiso-os à luz da lógica e dos fatos, com o desassombro de quem não teme a odiosidade dos turiferários de sitas retrógradas, que se abroquelam em erros seculares a fim de subjugar sacrilegamente a consciência alheia. (...) Ou Lux [pseudônimo do oponente católico] supõe grosseiramente que é lícito aos representantes da igreja católica cobrirem de maldições, injúrias, impropérios a quantos se afastam do seu obscuríssimo processo de entender a religiosidade, enquanto para os outros é crime a exposição e defesa de suas opiniões? (Apud KLEIN FILHO, 1999:184-5).

A reação do clero local à atuação de Viana de Carvalho pode ser exemplificada nas palavras do padre Vanderillo Herpierre, asseverando os perigos e a falsidade da revelação espírita, no mesmo jornal, a 6 de abril de 1911:

Quanto ao veneno da doutrina que pretende intoxicar a nossa fé é sutil e traiçoeiro, o sabemos de sobra pela maneira com que se propina e pelos estragos que causa [...] suporte dificilmente que o campeão do espiritismo, em lugar de ensinar teorias teosóficas mais modernas (falsas também) se contente em espalhar o espiritismo antiquado do pobre Allan Kardec, de quem uma Enciclopédia moderníssima publica que, depois de ter deixado de estar em voga, desde vinte anos na Europa e na América do Norte, emigrou para uns cantos da América do Sul! O Ceará não seria destes cantos! Respeitemos o Ceará, a 'Terra da Luz' . (Apud KLEIN FILHO, 1999:98)

Na década de 1920, *O Nordeste* intensificaria seus ataques ao Espiritismo, utilizando dos discursos de médicos, psiquiatras, sacerdotes brasileiros ou estrangeiros. Certa ocasião publica carta de leitor, intitulada “A propósito do espiritismo”, denunciando o “proselitismo” espírita nas dependências do Colégio Militar e comparando-o com a difusão do positivismo naqueles meios no início da República. O paralelo é revelador das condições do enraizamento espírita na sociedade cearense.

Estamos sofrendo ainda as conseqüências desse erro imperdoável. E como poderemos de braços cruzados, assistir à invasão do espiritismo, novidade que, em vista de seus processos de infiltração em todas as camadas, torna-se duplamente prejudicial? Se verdadeiro perigo é o espiritismo para os intelectuais, que abismo não será para a mocidade e para os analfabetos? Todavia a propaganda se faz indistintamente por toda a parte, até nas casas de ensino. [...] Deus queira que, imitando o mestre, alguns discípulos não tentem ensaiar a propaganda espiritista nos Colégios Militares. Contra esse perigo de que estão ameaçados os jovens alunos do nosso Colégio Militar, filhos de famílias católicas, chamamos a atenção de quem poder providenciar. F. T. (O Nordeste. Fortaleza-CE, 29 jan. 1923)

Meses depois, o diário católico dá voz ao alerta de um padre sobre a penetração do Espiritismo no Sertão:

É ridículo, senão lamentável o ingresso do espiritismo em muitos lares sertanejos. Compram-se, tomam-se por empréstimo livros vários de médiuns, publicações espíritas de vários autores, entre os quais predomina o célebre Allan Kardec, e transportam certos operários melhor contemplados nas obras contra as secas, para o interior dos sertões, estes livros perniciosos, que gravam dolorosos males em certos espíritos. (O espiritismo nos sertões. O Nordeste. Fortaleza-CE, 13 jun. 1923)

Teodoro Cabral (Polibio), jornalista (editor, redator e cronista) da *Gazeta de Notícias*, maçom e espírita e presidente do Centro Espírita Cearense, por diversas vezes levava o Espiritismo para o debate religioso:

Avigora-se, ultimamente, na velha Europa, um movimento de idéias favoráveis à unificação das religiões cristãs. Teoricamente não há nenhuma dificuldade [...] as igrejas Católica Apostólica Romana e Grega Scismática ou de liturgia, e as varias denominações protestantes, embora divergindo entre si [...] têm em comum princípios fundamentais; A existência de Deus, a imortalidade da alma, o céu como premio aos eleitos e o inferno como castigo aos réprobos, a revelação bíblica, a moral evangélica. O Espiritismo adota os mesmos princípios, modificando, apenas, o conceito das penas e recompensas [...] Sua Santidade teria dito [...] que é favorável à união de todas as religiões, mas afirma que isso só ‘poderia conseguir-se procurando fazer voltar ao seio do catolicismo romano, a única verdadeira Igreja de Jesus Cristo, os dissidentes que dela miseravelmente desertaram [...]’ Dentro desse programa nenhuma conciliação é possível. (Gazeta de Notícias. Fortaleza-CE, 13 jan.1927)

Polibio reconhecia que os anos passavam e a “fé racional” ainda era algo distante da massa da população, apesar do avanço da modernidade, do “assombroso desenvolvimento” das “ciências positivas”:

A religião continua a ser o que já era na antiguidade, uma matéria opinativa, uma questão de simpatia, que a gente escolha, aceita ou recusa: a Humanidade espera ainda que surja o descobridor do método que torne a Religião uma categoria do espírito, uma necessidade mental que se imponha a golpes de experiências, observações e raciocínios. Os progressos nesse sentido alcançados nestes últimos tempos, com as experiências psíquicas, são admiráveis, porém insuficientes para obrigar à convicção. A fé, que é sentimento, ainda é uma condição indispensável da razão de crer [...].(Gazeta de Notícias. Fortaleza-CE, 20 fev. 1929)

Nos ataques à Maçonaria, que em alguns períodos eram diários, o jornal clerical procura desqualificá-la, dentre outras coisas como sociedade criminosa. Tome-se como exemplo o ano de 1925, em *O Nordeste* traz reportagens do tipo: “Perseguição religiosa na França”, onde se divulgando nota do “cardeal Dubois”, responsabilizando a Maçonaria pelas medidas do governo contra a Igreja Católica (9 de fevereiro); “A Câmara italiana aprova o projeto contra a maçonaria”. Naquela ocasião Mussolini “Declarou que a maçonaria é o maior inimigo do fascismo [...] O projeto proíbe os funcionários do governo pertençam às forças maçônicas. [...] o chefe do governo aludiu a numerosas mortes e atentados por eles praticados” (27 de maio).

O jornal *O Ceará*, do jornalista, professor e maçom Julio de Matos Ibiapina se colocou na defesa irrestrita da Maçonaria, ante os ataques do diário católico:

Os leitores do órgão pio desta capital na estarão esquecidos da campanha quase diária que ali se faz contra a Maçonaria. Os conceitos emitidos contra essa instituição poderão levar ao povo ignorante a impressão de que a Maçonaria e criação diabólica, digna de ser condenada, não somente pelos católicos mas por todos que se interessam pelo progresso social, tão negras são as cores que se pintam os intuitos dos maçons.(O Ceará. Fortaleza-CE, 21 out. 1926)

Nesse embate, a própria imprensa que já era arma, transformava-se em objeto de disputa. Enquanto experimentava a excomunhão proferida pelo arcebispo D. Manoel, o *O Ceará* dava voz às “Queixas do Povo”:

O Clero aponta a maçonaria como seita perigosa, e nós perguntamos se há maior perigo para o mundo que se lançar mão às coisas alheias em nome de Deus, como fazem alguns padres da santa madre Igreja Católica Apostólica romana, obrigando as pobres viúvas a fazerem assinaturas do ‘O Nordeste’, dizendo-lhes que se não fizerem tal não terão a salvação eterna e outras ameaças de igual quilate. (O Ceará. Fortaleza-CE, 22 mar. 1927)

O maçom-espírita, professor Euclides César, em crônica biográfica de seu contemporâneo Matos Ibiapina, afirmara:

No terreno puramente religioso, Julio Ibiapina é um [...] espírito rebelde, altiv [...] que sonha, como também já sonhei, destruir o edifício milenário da Igreja, adotando a antiga escola de crítica aos abusos dos padres, como se tais erros e tais abusos, fossem suficientes para anular a grandeza da doutrina e dos ensinamentos de Cristo [...]. (A Razão. Fortaleza-CE, 26 jun. 1929, grifo nosso)

Estava em jogo, para esses agentes a difusão de uma nova perspectiva espiritualista, referenciada nas tradições do pensamento iniciático antigo, aliado às conquistas da modernidade científica. Anelar o intelecto e a moral, tomar a sabedoria, o conhecimento ou a ciência, como a matriz das virtudes e da fé. O maçom-espírita Políbio, não olvidava essa lição, quando observava as crenças e práticas religiosas da sociedade local, mesmo que para isso precisasse “invadir a seara alheia”:

[...] Quero falar de um uso, ou antes um abuso, corrente entre alguns fiéis, ignorantes, já se vê, da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, a que não pertença. [...] É uma praxe cuja origem se perde em longínquo passado a de fazer promessas. [...] No meu parecer de herege contumaz, acho que ao Criador, nós as criaturas que o adoramos, temos o direito de pedir-lhe todas as coisas que julgamos boas e necessárias, especialmente as de caráter espiritual, mas nada lhe devemos prometer, a não ser praticar o que julgamos serem os seus mandamentos. (Gazeta de Notícias. Fortaleza-CE, 4 set. 1927, grifo nosso)

Para a Maçonaria a relação de complementaridade entre religião e ciência era essencial para a compreensão do caráter moralizador da Ordem. Pensada e definida como uma grande escola de sabedoria, a Maçonaria contempla a evolução do conhecimento humano a partir da tentativa de fusão dos conhecimentos iniciáticos (esotéricos) dos antigos e com as

aquisições da ciência moderna, com o fim de esclarecer gradativamente a consciência humana da sua interação espírito/matéria. O Espiritismo, por sua vez, como “ciência do Espírito”, com desdobramento filosófico e consequência moral-evangélica, promovia uma religiosidade de caráter íntimo, favorecedora de afinidades e aliança tática com a Maçonaria ao tempo que acirrava a oposição da Igreja Católica, auto-considerada depositária do patrimônio espiritual da nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARATA, Alexandre M. **Luzes e sombras. A ação da Maçonaria brasileira (1870-1910)**. Campinas:Editora da Unicamp/Centro de Memória da Unicamp, 1999.
- DENIS, Léon. **Socialismo e Espiritismo**. Trad. Wallace Leal. V. R. Matão(SP):Casa Ed. O Clarim, 1987.
- DOMINGUES, José Maurício. **Interpretando a Modernidade: Imaginário e Instituições**. Rio de Janeiro:Editora FGV, 2002.
- KLEIN FILHO, Luciano. **Vianna de Carvalho, o tribuno de Icó**. Niterói(RJ):Lachâtre, 1999.
- LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno In: **História e Memória**. Campinas:Editora da Unicamp, 1992, p.167-202.
- LINHARES, Marcelo. **História da Maçonaria Primitiva, Operativa, Especulativa**. Londrina:A Trolha,1997.
- MACHADO, Ubiratan P. **Os Intelectuais e o Espiritismo**. Niterói:Publicações Lachâtre,1997.
- MIRANDA, Julia. **O Poder e a Fé – Discurso e prática católicos**. Fortaleza:Edições UFC, 1987.
- MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Léon Denis e a Maçonaria**. São Paulo:Madras Editora, 2003.
- MONTENEGRO, João A. Alfredo de S. **O Trono e o Altar: As Vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará (1817-1978)**. Fortaleza:BNB, 1992.
- PARENTE, Josênio C. **Anauê – Os Camisas Verdes no Poder**. Fortaleza:Edições UFC, 1986.
- SILVA, Marcos José D. **No compasso do progresso. A Maçonaria e os trabalhadores cearenses**. Fortaleza:Expressão Gráfica/Núcleo de Documentação Histórica/NUDOC-UFC, 2007.
- _____. Modernidade e espiritualismo na imprensa operária cearense da Primeira República. **Revista História Hoje** – Revista Eletrônica de História - ANPUH, v. 5, nº13, 2008. Disponível em: <http://www.anpuh.org/revistahistoria/public>